



## **A MOTIVAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Diva Moraes - UTFPR – diva.moraesoudejesus@hotmail.com  
Kátia Cardoso Campos Simonetto – UTFPR – katia@utfpr.edu.br

**Linha de Pesquisa: Educação**

### **RESUMO**

Este trabalho é um requisito para conclusão do curso de Educação: Métodos e Técnicas de Ensino e visa refletir sobre a relevância que a motivação tem como prerrogativa para o aprendizado. Na educação, os aspectos ligados à motivação para a aprendizagem têm sido amplamente debatidos por terem relação direta com questões como os resultados obtidos na escola, indisciplina, apatia na sala de aula, entre outros. Desta maneira, o presente artigo tem como objetivo realizar um levantamento da literatura científica sobre esse processo de motivação para a aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental, com vistas a compreender qual o papel do professor para constituir um ambiente educacional em sala de aula que favoreça a aprendizagem e motive seus alunos. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica (livros, artigos, internet, entre outros) e uma compilação de alguns tópicos e posicionamentos sobre o tema. Este é um assunto que, por sua complexidade, deverá continuar sendo pesquisado.

**Palavras chave:** educação; aprendizagem; motivação; professor.

### **1 INTRODUÇÃO**

A motivação ou sua ausência no processo de aprendizagem é alvo constante de discussões quando se trata de analisar a produção dos alunos em sala de aula. Um dos pontos determinantes para a construção deste estudo reside na observação de diferentes situações de apatia e não participação em que se encontram vários alunos quando lhe são propostas atividades na escola.

Por meio da experiência na docência é possível observar que esse tipo de comportamento de alunos que simplesmente não se envolvem ou não demonstram nenhuma vontade de aprender são comuns e isso acaba por gerar uma série de diferentes consequências, tais como: a indisciplina, problemas de relacionamento entre professor e aluno e baixo rendimento. Essas observações

são, normalmente, acompanhadas de questionamentos que se tornaram a base deste artigo: o que é essa motivação? Quais os possíveis motivos dessa desmotivação? Há algo que possa ser feito para que esse quadro seja revertido?

Assim, este estudo objetivou a realização de um levantamento de dados na literatura científica sobre a motivação na escola, tendo como foco as Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Para desenvolvê-lo neste formato a metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica com revisão sistemática em diferentes materiais.

Este tema tem relação direta com algumas angústias que o professor vivencia em sala de aula, a partir do seu cotidiano, e trazer algumas reflexões sobre isso torna este estudo de extrema relevância no quadro educacional. Além disso, o ato de relacionar o processo de motivação com outros fatores tais como a afetividade, a metodologia do trabalho pedagógico, o ambiente escolar e o contexto de vida do aluno, favorece ao professor a compreensão de que este é um problema complexo, mas com possibilidades de que os problemas podem ser minimizados se houver um processo de análise e planejamento de trabalho para cada caso.

Uma das diretrizes que se faz presente na pesquisa, por exemplo, é a de que o ser humano é afetivo por natureza e a afetividade faz diferença independentemente da idade que se tem. SILVA, SCHNEIDER, (2009) *apud* Simonetto (2012), partem do pressuposto de que “a afetividade é um fator que pode influenciar a vida de todo ser humano nas diversas esferas nas quais está inserido”, portanto, pode ser uma das matrizes que determina, diante de tantas diversidades culturais, econômicas, políticas e de crenças, a motivação no ser humano. Assim, talvez, as relações afetivas tenham relação direta com o desenvolver do desejo de participar e aprender dentro da escola.

Não se tem como pretensão trazer soluções para o problema da desmotivação de alunos em sala de aula, mas sim possibilitar uma reflexão sobre o que diferentes autores já escreveram, abrindo portas para outros olhares sobre este tema.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1. MOTIVAÇÃO**

O dicionário Aurélio (2001) define motivação como ato ou efeito de motivar; condição de motivado; conjunto de fatores psicológicos diversos que determinam o comportamento de uma pessoa.

Segundo Salla (2012), a motivação é o que faz com que o ser humano saia do lugar em que se encontra para conseguir uma mudança, ou um objetivo. É o estado mental e emocional que propicia ao indivíduo desejo de agir; portanto, a motivação é o elemento principal para que o ser humano se desenvolva e se realize; sem ela se torna impossível desenvolver qualquer atividade, seja ela intelectual ou física. E para que alguém aprenda algo, o primeiro passo é que ela queira aprender. Precisa sentir a necessidade de aprender. Então isso impulsionará a pessoa para a ação. Isso vale para qualquer coisa que ela anseie e também para qualquer idade em que se encontre.

Bzuneck (2000, p. 9) afirma ainda que “a motivação, ou o motivo, é aquilo que move uma pessoa ou que a põe em ação ou a faz mudar de curso”. De acordo com esta afirmação é possível inferir que o ser humano, desde a mais tenra idade, é motivado a fazer ou não fazer algo.

Por exemplo, um bebê, ao sentir fome, é motivado por instinto a sugar para obter o alimento e, neste caso em específico, a motivação é ditada pela necessidade do alimento.

O ser humano pode, em alguns momentos, também sentir-se desmotivado por vários fatores, dentre eles a não satisfação de suas necessidades básicas.

A motivação se perde, portanto, quando as necessidades básicas não são satisfeitas, tanto as fisiológicas como as do ego ditado por motivos diversos de caráter biológico, psicológico e social, conforme a pirâmide de Maslow (Figura 1).



Figura 1- <http://site.suamente.com.br/a-piramide-de-maslow/>

De acordo com a pirâmide de Maslow, criado por Abraham Maslow, psicólogo norte americano e considerado um dos fundadores da Psicologia Humanista, as pessoas sentem várias necessidades, todas têm a sua relevância, porém algumas são mais imediatas. Assim que uma necessidade é satisfeita, parte para outra necessidade. A Figura 01 mostra a ordem das necessidades que um indivíduo possui, expressando de forma ilustrativa o escalonamento daquilo que considera mais importante para o momento e a ordem de busca para as próximas situações. Isso mostra que o indivíduo está em constante movimento, ou seja, é parte integrante dele essa busca por sanar a sua dificuldade ou necessidade.

Em se tratando da importância da motivação, a pirâmide de Maslow retrata características importantes no indivíduo, contemplando o seu todo e é bem relevante sua aplicabilidade na vida escolar do aluno, pois, a motivação é um tema bem evidente neste contexto, onde muitos professores estão buscando a cada dia superar barreiras ao não aprendizado de seus alunos.

Motivar o aluno é estimular competências que já se encontram em seu interior, porém ele mesmo ainda não se apropriou dos conhecimentos que possui.

De acordo com Moraes e Varela (2007), na motivação a competência não é atributo de quem faz bem feito e sim de quem consegue despertar nos outros a vontade de fazer bem feito.

Assim, dentro de um contexto escolar, é fundamental despertar no aluno a vontade de fazer bem feito e aprender. Quando o aluno não está motivado, torna-se ainda mais difícil o ato de aprender. Para Moraes e Varela (2007, p.9) “a motivação é energia para a aprendizagem, o convívio social, os afetos, o exercício das capacidades gerais do cérebro, da superação, da participação, da conquista, da defesa, entre outros”.

## **2.2. A MOTIVAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM**

A aprendizagem depende de muitos fatores, que tem relação entre si e, mesmo tendo a possibilidade de fazer uma análise de forma separada, é preciso lembrar que fazem parte de um todo. Esses fatores também é salutar e deixar claro, depende não somente de si mesmos, mas de uma série de condições internas e externas ao sujeito. Portanto, a aprendizagem não é um fenômeno simples, mas, sabe-se, está relacionada à motivação do sujeito, no caso, o aluno.

Neste sentido, adota-se aqui a percepção de Burochovitch e Bzuneck (2004, p. 37), que afirmam que a motivação pode ser intrínseca ou extrínseca; sendo que a motivação intrínseca é aquele tipo de motivação que vem do interior do ser, ou seja, o indivíduo tem um motivo interno, então ele busca meios para satisfazer a necessidade que sente; um exemplo disso seria, ele estudar para adquirir maior conhecimento. A motivação intrínseca é baseada no interesse pessoal do educando e se destaca pela autonomia e autocontrole da criança, este ao buscar o conhecimento o faz de forma a satisfazer sua curiosidade e suas necessidades de absorção de novos conhecimentos.

Já a motivação extrínseca, segundo o mesmo autor, é aquela que vem do exterior, ou seja, faço alguma atividade para receber uma nota, ou agradar outra pessoa ou ainda para ter algum benefício, ou seja, a motivação extrínseca ocorre de forma baseada na recompensa material e social; a criança busca o conhecimento quando recebe um estímulo material, que pode ser o resultado através de notas ou conseguir atingir metas para obter algum brinde oferecido pelos pais ou professores.

Assim, reforça-se que

Na motivação extrínseca, o controle da conduta é decisivamente influenciado pelo meio exterior, não sendo os fatores motivacionais inerentes nem ao sujeito nem à tarefa, mas simplesmente o resultado da interação entre ambos. Na motivação intrínseca, ao contrário, o controle da conduta depende, sobretudo do sujeito em si, dos seus próprios interesses e disposições. (RIBEIRO, 2015, p. 01).

Ribeiro (2015) complementa esta ideia dizendo que para serem intrinsecamente motivadas, as pessoas necessitariam se sentir competentes e autodeterminadas. Estes seriam independentes de consequências operacionalmente separadas porque, nesse caso, a realização da atividade seria a própria recompensa.

Quando se observa a motivação como tendo a possibilidade de ser intrínseca ou extrínseca, percebe-se a complexidade que envolve a ação de estimular. São múltiplos fatores envolvidos, alguns inerentes ao ambiente e outros ao próprio sujeito. BARROS (1988), afirma que são dois os tipos de fontes de motivação, a interna e a externa. Para esta autora, as fontes de motivação internas são:

a) O instinto: depende de complexos fatores ambientais e internos. Por instinto, o indivíduo reage impulsivamente, sem dirigir racionalmente as suas ações, a fim de conseguir qualquer coisa que lhe dê prazer.

b) Os hábitos: são consequências de aprendizagens de costumes sociais e educacionais e condicionam inconscientemente a forma de atuar.

c) As atitudes mentais: certos tipos de motivação tornam-se intimamente associados à afirmação do eu. A criança, por exemplo, gosta de realizar tarefas difíceis, para que o seu bom desempenho constitua uma prova de afirmação e de autoestima.

d) Os ideais: existem pessoas que estabelecem um padrão, como objetivo a atingir. Essa aspiração, por si só, pode motivar o indivíduo a dar o máximo de si mesmo. Neste caso específico, o fracasso, quando acontece, faz descer o seu nível de aspiração, enquanto o êxito o eleva consideravelmente.

e) O prazer: é um reflexo automático, fora do controle consciente, que procura situações agradáveis. O indivíduo, ao avaliar um objeto ou uma situação, desencadeia um processo emotivo, do qual resulta o desejo de executar uma ação. A avaliação emocional motiva-o para a ação.

Barros (1988) ainda expõe que as fontes de motivação externas podem ser:

a) A personalidade do professor: influencia consideravelmente as aprendizagens dos alunos. Quando estabelece relações de empatia e de afetividade, favorece o prazer de aprender e facilita a aquisição de conhecimentos.

b) A influência do meio: o aluno depende quase totalmente do ambiente familiar e do meio social em que vive. Deles depende, por conseguinte, a formação do seu caráter e o desenvolvimento de gostos e de aptidões.

c) A influência do momento: a instabilidade emocional do aluno leva-o a revelar, consoante os momentos, atitudes diferentes perante o trabalho a realizar. Cabe ao professor descobrir os motivos que condicionam tais atitudes e ajudar o aluno a encontrar o equilíbrio.

d) O objeto em si: quando um objeto é mostrado ao aluno, pode despertar-lhe emoções estéticas ou constituir, para ele, uma novidade. Perante qualquer destes sentimentos, o aluno sente-se motivado pelo objeto em si.

A partir dessa percepção de que a motivação está correlacionada a diferentes questões retoma-se a ideia de que o aluno é um ser, com uma história de vida e de aprendizagens anteriores, que na escola (acompanhado de tudo isso) precisa ter contato com novos saberes (que podem entrar em conflito ou não com os que já possuem). Todo esse movimento, mediado pelo professor, dentro de uma estrutura escolar, poderá ou não incentivar o aluno a construir seus novos conhecimentos, modificando ou perpetuando os valores que já traz consigo.

### **2.3. A ESCOLA E O PROFESSOR**

O professor tem um papel importante frente à situação, pois, mesmo que talvez não possa “despertar” no aluno a motivação, pode provocar nele a vontade e necessidade de realizar determinadas tarefas. As formas, caminhos ou instrumentos que podem ser utilizados pelos professores para isso são inúmeros. Há professores que: optam por utilizar jogos; fazem uso de competição entre os alunos; estreitam laços de afetividade; encantam com histórias; e outros que integram todos esses elementos. O importante é

perceber que há essa necessidade de ajudar esse aluno no despertar da motivação.

Sobre isso se destaca que:

A preocupação em motivar os alunos para a aprendizagem é um ponto em comum entre as professoras. É um processo em que o despertar o interesse em aprender se reveste de forte conotação afetiva, expresso em clima de cumplicidade. (MOYSÉS, 2001, p. 77).

Significa dizer que a motivação também está ligada aos sentimentos positivos, à afetividade. Um fator importante é quando, o aluno percebe o interesse do professor em ajudá-lo e isso é um bom caminho para estabelecer uma aproximação. A afetividade e proximidade existente entre professor e aluno são benéficas para aguçar a motivação. É importante que o professor conheça os interesses do aluno para então encontrar meios para ajudá-lo a aprender. No entanto, faz-se necessário que o professor esteja motivado, levando o aluno a construir seu conhecimento.

Um dos aspectos que deixa o aluno desmotivado em sala de aula é a crença que ele não será capaz de alcançar êxito. Nota-se que tanto o professor como o aluno, quando estão motivados têm maior energia para a realização das tarefas propostas. O papel do professor como motivador é inegável, pois nas aulas os alunos precisam sentir-se queridos e confiantes para que o desejo da aprendizagem ocorra, se os alunos não sentir segurança no professor eles com certeza apresentarão um grau maior de dificuldades na aprendizagem.

De acordo com Antoine de Saint-Exupéry, autor do livro *O pequeno Príncipe*, “você é responsável por aquele que cativas”, por isso é tão importante o professor se colocar como um aliado da turma, demonstrando afetividade e carinho para com seus alunos e demais integrantes da comunidade escolar.

O papel do professor é extremamente importante nesse sentido, pois é ele quem tem o dever de fazer com que a criança perceba que é ela a principal agente que dá verdadeiro significado a sua aprendizagem, e que essa aprendizagem ocorre conforme seu esforço e desempenho, para que o professor perceba as necessidades da criança é necessário que ele esteja próximo desta criança de forma efetiva, sabendo como é o cotidiano familiar e social no qual a criança está inserida, conhecer essa realidade é a porta de



entrada para saber que tipo de direcionamento ele terá que ter para que consiga desenvolver intelectualmente esse educando.

Nesses momentos é muito importante a percepção e a sensibilidade do educador para saber abordar o aluno e estimulá-lo, para que ele aos poucos vá percebendo que tem dificuldades sim, mas que elas podem ser superadas, basta um pouco mais de esforço e dedicação de ambos.

O professor é o orientador do ensino. Deve ser fonte de estímulo que leve o aluno a reagir para que se processe a aprendizagem. É dever do professor procurar entender os seus alunos. O contrário é muito mais difícil ou mesmo impossível. O professor deve distribuir seus estímulos, adequadamente entre seus alunos, de maneira que os levem a trabalhar segundo as suas particularidades e possibilidades (NERICE, 1991, p.19).

É importante destacar que o professor precisa criar na sala de aula um ambiente motivador com situações de aprendizagem que envolva a todos, isso é fundamental para que as crianças percebam que elas são e precisam ser agentes ativos na busca e na construção do conhecimento.

Quando a educação é centrada somente no professor, e o aluno somente recebe as informações, sem ser questionado, ou sem ser levado em conta o que ele já possui de conhecimento a aprendizagem fica comprometida. Se o aluno é convidado e incentivado a fazer parte da aula, mesmo que seja relatando uma experiência que ocorreu em casa, ele se sentirá parte integrante da aula.

Muitas vezes quando a criança não está assimilando o conteúdo proposto em uma determinada matéria, ela tende a se dispersar, andar pela sala ou se tornar mais falante, o professor não pode entender isso como uma indisciplina, e precisa agir rapidamente para sanar a dificuldade do aluno, e verificar se o conteúdo não ficou claro só para um determinado aluno, ou se realmente as explicações e interferências feitas por ele foram o suficiente para a compreensão de todos.

Caso ele perceba a necessidade, o educador pode usar de novas estratégias e questionamentos para que a turma possa tecer comentários, que poderão ser mais facilmente interpretados pelas crianças, que por ventura estiverem tendo mais dificuldades na assimilação e compreensão do tema proposto, além de fixar de forma mais efetiva a aprendizagem para esses

alunos que se arriscam a comentar e a expor sua opinião diante dos demais alunos.

Agindo desta forma o docente estará criando um ambiente onde o aluno terá participação ativa no processo da aprendizagem e se sentirá mais estimulado a prestar atenção nas aulas para saber o que falar ao expor suas ideias.

O professor, independente de questões financeiras, condições de trabalho, no exercício de sua função precisa ser um entusiasta por sua atividade. Só se incentiva ou se transmite amor, quando realmente há interesse verdadeiro por aquilo que se ensina. Como incentivador o professor deve conhecer profundamente o que vai ensinar e dispor de boa dose de criatividade para desenvolver meios de utilização de recursos que tornem os assuntos atrativos.

A escola se envolve nesse processo fornecendo diversos recursos que fomentem a aprendizagem. O professor sozinho não torna toda a estrutura da escola motivadora, para isso é necessário investimento, planejamento e reflexão. A escola precisa ser um espaço acolhedor, bem estruturado, com recursos diversificados que atendam às diferenças de tipos de aprendizagens e que tenha um clima de confiança.

Talvez o problema com grande número de educadores é não perceber a insuficiência dos argumentos racionais para interessar os alunos pelo estudo. Parece que não basta a motivação extrínseca, tentando fazer o estudante interessar-se pelos estudos porque isto é bom para o futuro, ou mesmo que “estudar é gostoso”. É preciso fazer uma escola que estudar seja de fato gostoso (PARO, 2000, p. 12).

Este autor é bastante claro, o professor tem papel fundamental, mas a escola como um todo precisa ser “gostosa”.

A escola precisa ser atrativa para a criança. Precisa ser vista como um local em que mais que adquirir conhecimento, ela também irá contribuir para desenvolver uma série de outras partes de sua personalidade de uma forma lúdica e natural.

### **3. ANÁLISE BIBLIOGRAFICA**

Após a organização dos aspectos encontrados na literatura relacionada ao tema abordado, observa-se que a motivação para a aprendizagem torna o processo de apreensão de conteúdos na escola mais significativo. Entretanto, motivar não é algo tão simples e, como visto no referencial teórico, está relacionado a múltiplos fatores que dizem respeito aos aspectos internos e externos ao sujeito.

Observou-se ainda que motivar não é o suficiente para que o sujeito aprenda. Segundo Moysés (2001, p. 43) “para aprender é preciso muito mais”. O aluno pode estar motivado para aprender, mas isso não garante o sucesso dentro do processo pedagógico. Ao professor cabe ainda criar condições materiais para que o aluno aprenda, utilizando recursos adequados, criando um ambiente propício para isso e mediando o processo previamente planejado.

A motivação está vinculada a múltiplos fatores inerentes ao sujeito e ao professor, é um estímulo para que se tenha êxito no aprendizado do aluno, uma força que auxilia ao aprender e conduz o sujeito para a ação com entusiasmo. Um professor motivado é capaz de despertar o interesse de seus alunos, visualizando a individualidade de cada um e partindo das necessidades reais de aprendizagem que vão apresentando ao longo do processo. Essa dinâmica de trabalho traz benefícios quando aliada a bons instrumentos, ou seja, quando recursos pedagógicos que despertem o interesse dos alunos e os motivem a querer saber mais sobre os conteúdos que são apresentados.

Aliado a tudo isso, ainda com o olhar voltado para a motivação e para a aprendizagem, é fundamental cuidar da afetividade na relação entre professor aluno. Observou-se nas teorias analisadas que boas relações afetivas, com positividade, carinho e respeito, criam ambientes harmônicos e que dão conta de motivar os sujeitos para coisas diferentes ou simplesmente a fazerem parte do processo.

A afetividade é fator fundamental no desenvolvimento da aprendizagem do aluno, qual a motivação que se busca para aprender algo, o que leva uma criança ter o prazer do aprender. Toda criança no início de suas descobertas educacionais podem apresentar, medo e insegurança, o afeto tem papel importantíssimo para que a criança se sinta amada e segura para desenvolver suas habilidades cognitivas. A afetividade professor e aluno é que pode

determinar o sucesso desse aluno, o prazer em aprender, o gosto de determinada disciplina mesmo que não tenha muita intimidade com a matéria.

De acordo com Rossini (2001), a criança bem estimulada afetivamente, ao chegar à vida adulta, terá condições emotivas para enfrentar as fases negativas da vida com determinação e autoconfiança.

Segundo Wallon (apud CHIARATTI, GONÇALVES e RICIERI, 2014), as emoções são à base da inteligência. A escola necessita lidar adequadamente com as emoções dos alunos, frustrações e ansiedades podem interferir no funcionamento intelectual da criança.

A afetividade desempenha um papel fundamental e importante na constituição e funcionamento da inteligência, é ela que determina os interesses e necessidades individuais, que possibilitam avanços progressivos no campo intelectual, ou seja, para ele, é o que estimula o interesse da criança para o conhecimento e conquista do mundo exterior.

A escola também tem seu papel fundamental no campo da afetividade do aluno, proporcionando oportunidades nas relações afetivas, buscar junto à comunidade escolar recursos para trabalhar pelo fortalecimento da família e condições básicas para melhorias na qualidade da vida, deve possibilitar momentos prazerosos de aprendizagem, e o bom relacionamento afetivo entre professor e aluno.

O professor é o principal mediador do processo ensino e aprendizagem, é capaz de estabelecer vínculos afetivos muito forte para a motivação do aluno, desenvolver em seus alunos a autoestima, estabilidade, tranquilidade e o prazer em aprender. A maneira que o aluno é visto pelo professor pode influenciar e muito a forma com que o mesmo reage.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A escola tem a função social de formar cidadãos preparados para o convívio em sociedade e o desenvolvimento de suas potencialidades no contexto em que vivem. Para esse processo, não basta o professor querer ensinar, o aluno precisa estar motivado para aprender.

A afetividade entre professor e aluno vem a ser uma parceira no processo ensino aprendizagem. Vivenciamos diversas situações no nosso dia a

dia: crianças abandonadas pelos seus familiares, outras com famílias totalmente desestruturadas, crianças totalmente carentes e desmotivadas, condições essas que prejudicam o seu desempenho educacional.

É neste contexto que o papel do professor se torna importante, pois ele pode assegurar não somente a aprendizagem dos conteúdos como também trabalhar dia a dia na autoestima da criança, o que capacita esta criança a perceber o seu mundo e enfrentar os seus medos. Se não investigamos não conseguimos descobrir seus conflitos e isso muito dificulta ao professor entender o bloqueio na aprendizagem daquela criança.

É de grande importância que o professor tenha sensibilidade apesar das dificuldades de déficit de atenção e indisciplina que enfrenta em sala. Existe aquele aluno que não se pronuncia oralmente, mas por dentro ele enfrenta um grande sofrimento.

Através do afeto, da paciência e da sensibilidade é possível termos bons resultados, motivar essas crianças tão cheias de problemas. Não podemos resolver todos os problemas da comunidade escolar, mas devemos olhar para as crianças com sensibilidades, sendo uma ponte de esperança para o futuro delas. Vivemos numa sociedade doente, com pessoas sem princípios e capazes de todas as atrocidades. A escola tem que ser um caminho de esperança e não ensinar somente conteúdos, mas também ser sensível a realidade do mundo de cada um. Tornar o espaço educativo um ambiente acolhedor urge ser prioridade. Buscar orientar e fortalecer as crianças para os grandes desafios da nossa sociedade.

É necessário que os professores se tornem mais observadores, e comprometidos com a realidade das pessoas.

Nesse intuito de formar cidadãos conscientes de seu papel, faz-se necessário cada vez mais buscar meios para que o educando seja agente de mudança da sua história de vida.

A motivação tem um caráter particular a cada indivíduo, ou seja, a motivação precisa fazer parte da pessoa estar dentro dela, e isso depende de uma série de variáveis, no entanto, é possível usar algumas estratégias para que o aluno se sinta mais propenso a estudar.

Também vale ressaltar que o papel da escola é importante e ela precisa adquirir esse aspecto de ser motivadora, pois algumas vezes nota-se que a

própria escola não possui essa conotação de ser um espaço que motiva o educando, que desperte nele a alegria de estar ali, e que proporcione a ela condições de superar suas dificuldades.

Quando o espaço escolar é agradável e acolhedor tanto para o aluno quanto para o professor, podemos dizer que isso contribui para o melhor desempenho das atividades.

O que se presencia são turmas com número excessivo de alunos, estrutura física deteriorada, o que torna o espaço pouco atrativo para o aprendizado.

Reiterando o que já foi dito, a motivação não depende de fatos isolados, mas de um conjunto que se torna facilitadores da aprendizagem. Notamos que não pode estar concentrada somente no educando, nem no educador. É o conjunto de tudo isso somado a uma estrutura física agradável e tranquila bem como o contexto em que esse aluno está inserido. Todos esses fatores influenciam na aprendizagem. O aluno precisa estar em um espaço que o ajude a despertar sua criatividade e que aguace o interesse. Desta forma o educando se sentirá impulsionado a agir favoravelmente e por consequência o aprendizado será real e efetivo.

Foi possível perceber durante a realização da pesquisa, quão complexo é o tema da motivação e que se encontra em todos os aspectos da vida humana, não somente na educação. Inúmeros são os autores pesquisados que concordam que sem essa energia que move o indivíduo não há aprendizagem.

## **REFERÊNCIAS**

AURÉLIO, O minidicionário da língua portuguesa. 4ª edição revista e ampliada do minidicionário de Janeiro, 2002.

BARROS, Célia Silva Guimarães. **Pontos de psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: Ática, 1988.

BZUNECK, J. A. **As crenças de auto eficácia dos professores**. In: F.F. Sisto, G. de Oliveira, & L. D. T. Fini (Orgs). Leituras de psicologia para formação de professores. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

CHIARATTI, Fernanda Germani de Oliveira, GONÇALVES, Carlos Eduardo de Souza, RICIERI, Marilucia. **Psicologia da educação: desenvolvimento e**

**aprendizagem.** Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A.,2014.

Moraes, Carolina Roberta e Varela, Simone. **Motivação do aluno durante o processo de ensino aprendizagem.** Disponível em: [http://web.unifil.br/docs/revista\\_eletronica/educacao/Artigo\\_06.pdf](http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/educacao/Artigo_06.pdf). Acesso em 29/07/2015.

MOYSÉS, Lucia Maria. **O desafio de saber ensinar.** Campinas, SP: Papiros 2001

NERICE, Imideo Giuseppe.**Didática: uma introdução.** São Paulo: Atlas, 1993.

PARO Vitor Henrique. **Qualidade de ensino: a contribuição dos pais.** São Paulo: Xamã, 2000.

RIBEIRO, Filomena. **A motivação no contexto escolar.** Disponível em: [http://www.cefopna.edu.pt/revista/revista\\_03/pdf\\_03/es\\_05\\_03.pdf](http://www.cefopna.edu.pt/revista/revista_03/pdf_03/es_05_03.pdf). Acesso em:19/08/2015.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia Afetiva.** Petrópolis, Ed. Vozes, 3ª. Edição, 2001.

SALLA, Fernanda. Neurociência: como ela ajuda a entender a aprendizagem. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/neurociencia-como-ela-ajuda-entender-aprendizagem-691867.shtml>. Acesso em :17/08/2015.

SIMONETTO, Katia Cardoso Campos; Ruiz, Adriano; MURGO, Camélia Santana. **Análise da Produção Científica Sobre a Afetividade na Educação...UNOESTE,2013**